

## **Uma construção a partir do encontro**

**Clarissa Diniz**

**2018**

O encontro e a construção são dois territórios centrais da obra de Ismael Monticelli: de um lado, o exercício atento do olhar e da escuta ao que já parece posto; de outro, o interesse por inventar o inexistente e, com isso, produzir porvir. Mais do que escolher um ou outro campo, sua trajetória tem se caracterizado pela delicada costura entre ambas as problemáticas, sobrepondo-as para produzir diferenças ou, noutro sentido, partindo de suas distinções para advertir-nos de continuidades insuspeitas. Interessa-lhe a elaboração de situações de curto-circuito desse legado dicotômico entre os que fazem e os que imaginam, como estava já muito evidente nos manuais de instruções [2012] *Como encontrar paisagens em casa* e *Como construir paisagens em casa*.

Surgidos da experiência de produzir – cenográfica e fotograficamente – paisagens em seu próprio apartamento, nos pequenos espaços nele disponíveis e sem recorrer a elementos que ali já não estivessem presentes, os manuais reúnem [e compartilham] alguns dos aprendizados desse paisagismo, organizados como método. Num passo a passo, os manuais encadeiam as ações necessárias ao encontro [observe/estabeleça/coloque/estude/foque/escolha/registre] e à construção [estude/delimita/construa/defina/ilumine/conceba/utilize/escolha/finalize] de paisagens que se revelam, assim, imanentes ao interior de qualquer casa.

A operação é ativada também em outros trabalhos, como *Olhar o olho olhando* [2011] – fotografias montadas sob camadas de vidros que, por sua reflexividade, nos fazem perceber nossa percepção atuando na leitura das imagens de pessoas que, por sua vez, estão observando – ou *Obsessão miúda* [2017], objetos e pôsteres nos quais brinquedos para ratos são percebidos como imanentes à geometria da matriz construtiva da arte brasileira. Nesses, como em tantos outros projetos de Monticelli, objetos, situações e métodos são desenvolvidos para dar a ver a ambivalência de uma exterioridade que nos seja imanente, tensionando as intencionalidades em suas ambições de eminentemente descrever ou de categoricamente criar: regimes de invenção que se imiscuem e, por vezes, se indistinguem.

Entre o encontro e a construção se deu, por sua vez, o projeto *Exercício de futurologia* [2018], desenvolvido pelo artista em torno da história recente e do futuro próximo do Paço das Artes, há alguns anos funcionando sem sede própria e, por isso, demandando um novo espaço [físico e simbólico] para a instituição. Como comenta [1] Ismael, “inicialmente, o projeto foi concebido como uma proposição ficcional, um “exercício de futurologia” que partia de uma conjuntura e de uma hipótese utópica: [...] que museu seria este?”. Todavia, “quando [começou] a desenvolver o trabalho, o projeto original pareceu não fazer mais sentido. A meu ver, o que provocou uma mudança radical na proposição foram as entrevistas e conversas que realizei [...]. Entendi que existiam dois caminhos possíveis. O primeiro seria ignorar o encontro com a realidade da situação, adotando uma espécie de visão de sobrevoo [...], como observar uma paisagem ao longe, existindo calmamente, e, a partir disso, mantendo-me fiel [...] ao projeto original. O segundo – o caminho escolhido –, seria debruçar-me sobre a situação para ver, para pensar melhor e seguir o desenvolvimento do trabalho conforme as pulsações que são próprias ao contexto que estou lidando”.

A escolha de Monticelli foi, assim, por uma construção a partir do encontro. Buscou escapar do distanciamento arrogante que imagina soluções para os outros, bem como fugir ao cinismo distanciado que aponta, mas não se compromete, com os outros e seus problemas. Surgiu daí uma metodologia de simultânea aproximação e abstração em relação ao contexto do Paço das Artes, movimento de aprofundamento em relação à sua própria história e de transbordamento na direção das experiências de outros museus. Ainda que praticado em outros projetos [2], em *Exercício de futurologia* esse método experimentou uma inflexão fundamental, provocada pela a participação das pessoas.

Quando os corpos que fazem um museu no dia a dia – incluindo a diversidade de seus públicos – tornaram-se pano de fundo para os disparadores deslocados de contexto que anteriormente estruturavam o projeto [3], suas presenças como sujeitos desse *Exercício de futurologia* abriram lacunas na tessitura discursiva do gesto de Monticelli. Seus posicionamentos cansados, por vezes revoltados, noutras resilientes, conformaram um conjunto nada épico; em tudo distante das narrativas monumentais da criação de museus, ou mesmo da dimensão heroica de uma hipotética resistência contra tudo e contra todos. Em que pesem suas existências não hiperbólicas, o caráter frictivo de suas falas, proposições e desabafos repletos de subjetividade ensejaram não só a já

mencionada transformação metodológica do projeto como, mais adiante, encontraram uma espécie de tradução e de acolhimento visual no mesmo.

Pois a sala em que se apresentou *Exercício de futurologia* no Paço das Artes, reduzida ao preto e ao branco e pensada como uma espécie de grande malha gráfica, foi inundada por textos advindos da rica pesquisa sobre instituições culturais realizada por Monticelli. Escritos nas paredes da mostra pelo próprio artista, sua multiplicidade de conceitos de museus convivia com um conjunto de sete maquetes para arquiteturas museais que pouco significam, esclarecem ou determinam: museu da aporia, da afasia, do inextricável, do imbróglie, misantropo, apócrifo e sonâmbulo.

Em meio a essa verborragia silenciosa, porém graficamente densa, saltava aos olhos dos visitantes um conjunto de cartazes situados ao fundo da exposição, nos quais se impunha, por sua vez, algum espaço em branco no discurso, alguma possibilidade de pausa.

Nos cartazes, trechos das falas da equipe do Paço das Artes arranjadas de acordo com seus temas ou temperaturas e diagramadas de modo tal a diferir em posicionamento, peso, tamanho, estilo. O layout de seus dizeres atuava como um ponto-e-vírgula entre a enxurrada das hipóteses de museus apresentadas nas paredes e os museus hipotéticos que se espalhavam paralelamente ao chão da exposição. Ao fraturar as palavras e avizinhar diferenças, os cartazes produziam outras perspectivas para aquilo que foi confessado ao artista desde a intimidade do Paço, instituindo um jogo com o olhar de seu ‘spectador’, necessariamente levado a performar, por meio da leitura, os movimentos evocados pelas falas e tão desejados pela instituição.

Articulados, as maquetes arquitetônicas, os cartazes e os conceitos de museus reverberavam uma trajetória que poderia ir do radical excesso à completa ausência de significação dos museus e, como tal, daquele *Exercício de futurologia*. Os cartazes, como ponto-e-vírgulas, faziam o nevrálgico papel da dobradiça discursiva da exposição, capazes não apenas de fazer trafegar entre seus extremos sígnicos mas, principalmente, de convocar, para dentro daquela tensa e densa trama de ideias e desejos, o público.

Assim, entre o encontrar e o construir, a construção que se faz no encontro parece despontar, neste momento da trajetória de Ismael Monticelli, como horizonte metodológico: “acho que, a partir (...) de *Exercício de futurologia*, redirecionei a minha esperança depositada sobre os museus para o público. Quem sabe a audiência possa repensá-los como fóruns de ideias em torno de questões sociais, políticas e culturais

urgentes. Afinal de contas, as instituições ainda podem tornar-se lugares que interessem a todos, onde o diálogo pode ser construído, onde batalhas intelectuais podem ser travadas, onde debates públicos podem se estabelecerem de forma bem-vinda. Exercício de futurologia é oferecido como uma pequena gota que só o público pode transformar em oceano”.

[1] Trechos retirados de entrevista entre o artista e a autora, disponível em [https://docs.wixstatic.com/ugd/72bad3\\_d20bdf216f544feb9c6467cb722f2ec4.pdf](https://docs.wixstatic.com/ugd/72bad3_d20bdf216f544feb9c6467cb722f2ec4.pdf).

[2] Em *Monumento* (2017), instalação com carro acidentado e terra, desenvolvida em colaboração dos Irmãos Guimarães, o artista aprofundou sua pesquisa em relação à história da construção de Brasília, ao passo que, transbordando especificidades contextuais, realizou também um extenso mapeamento de trabalhos de arte envolvendo carros. Em *Exercício de Futurologia*, o alargamento se dá por uma rica cartografia conceitual de modos de se fazer e de se pensar museus (organizando-os por tipologias), ao passo que mergulha na intimidade da situação do Paço das Artes por meio da voz de seus profissionais.

[3] “(...) Se pudéssemos idealizar um museu como um organismo vivo, atuante na apresentação da arte em compasso com o presente, comprometido com a experimentação, a pesquisa e o pensamento; se pudéssemos conceber um espaço sem pensar no seus recursos orçamentários, no dinheiro e ao que nele se atrela – os jogos de poder, as ideias, os valores, os interesses sociais e políticos de uma pequena minoria governante; se a arte não fosse encarada como bem supérfluo; se a cultura não fosse utilizada em tempos de crise como moeda de troca para uma falsa sensação de “equilíbrio financeiro estatal”, imagem vendida amplamente pelo governo como estratégia econômica; como este museu seria?”. Ismael Monticelli em entrevista à autora. Disponível em  
[https://docs.wixstatic.com/ugd/72bad3\\_d20bdf216f544feb9c6467cb722f2ec4.pdf](https://docs.wixstatic.com/ugd/72bad3_d20bdf216f544feb9c6467cb722f2ec4.pdf).

[Texto publicado originalmente no catálogo da Temporada de Projetos do Paço das Artes 2018.]